

O JORNALISMO DE CLARICE LISPECTOR: A ALIMENTAÇÃO COMO FORMA DE TRANSGRESSÃO AO JUDAÍSMO

Thiago Cavalcante Jeronimo¹¹⁸ - Universidade Presbiteriana Mackenzie - UPM

Resumo:

Para *corpus* deste estudo, consideram-se textos da produção jornalística de Clarice Lispector (1920-1977) em que há evidente transgressão da autora para com os postulados judaicos, sobretudo no que se configura às regras alimentares. As análises, dentre outros textos da obra da escritora, focalizarão o conto “A mosca no mel (ou a inveja de si)”, publicado por Clarice, em 1975, na revista paulista *Mais*; e a crônica “Preguiça”, veiculada na coluna sabatina de Lispector, em 1972, no *Jornal do Brasil*. O referencial teórico fundamenta-se em textos abalizados da fortuna crítica de Lispector e da crítica literária.

Palavras-chave: Clarice Lispector. Jornalismo. Literatura. Judaísmo.

Abstract:

For the *corpus* of this study, texts from the journalistic production of Clarice Lispector (1920-1977) are considered, in which there is an evident transgression of the author in relation to the jewish postulates, especially in terms of dietary rules. The analyzes, among other texts of the author's work, will focus on the short story “A mosca no mel (ou a inveja de si)”, published by Clarice, in 1975, in the magazine *Mais*; and the chronicle “Preguiça”, published in Lispector's Sabbath column, in 1972, in *Jornal do Brasil*. The theoretical reference is based on texts by Lispector's critical fortune and literary criticism.

Keywords: Clarice Lispector. Journalism. Literature. Judaism.

1. Introdução

Antes da publicação de seu primeiro romance, *Perto do coração selvagem* (1943), Clarice Lispector (1920-1977) publicou textos na imprensa brasileira. “Triunfo”, conto veiculado na revista *Pan* em 1940, até o presente momento é considerado o primeiro texto publicado da autora. Narrativa que estabelecerá diálogo com a obra clariciana: personagens fortes, insatisfeitas, à procura de uma possível renovação de ser e estar no mundo.

Se considerar a data de publicação de “Triunfo” com a data de publicação de *Perto do coração selvagem*, a obra jornalística de Clarice Lispector é mais extensa quase em três anos do que a sua ficção. Contudo, a participação efetiva de Clarice no jornalismo finda-se no mesmo ano que se encerra sua produção ficcional. Isto porque, no ano de sua morte, 1977, Clarice tem entrevistas e crônicas publicadas em periódicos e lança a novela *A hora da estrela*.

¹¹⁸ Doutor e Mestre em Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. Autor do livro *Clarice Lispector apesar de: romance de formação e recursos discursivos* (2020) thiagocavalcante@live.com

A longa contribuição de Clarice Lispector na imprensa nacional, quer como repórter, colunista feminina, cronista, entrevistadora – além de publicações de textos ficcionais – alcança o seguinte resultado:

[a Clarice jornalista] escreveu cerca de 450 colunas na imprensa feminina, o que equivale a aproximadamente 5 mil textos, distribuídos em fragmentos de ficção, crônicas, noticiário de moda, conselhos de beleza, receitas de feminilidade, dicas de culinária, educação de filhos e comportamento. Como entrevistadora, foram cerca de 100 textos. E, somente para o *Jornal do Brasil*, publicou mais de 300 crônicas (NUNES, 2012, p. 18).

Dentro dessa produção jornalística, para *corpus* deste estudo, consideram-se duas publicações de Clarice em que há uma transgressão da autora para com os postulados judaicos, sobretudo no que se configura às regras alimentares. Constatam-se em crônicas e contos da autora – publicados em periódicos – uma consciente violação aos preceitos do judaísmo no que tange à ingestão de alimentos censurados. Ocorrência que valida a insubordinação da jornalista Clarice Lispector para com as normas propagadas nessa expressão religiosa.

O *corpus* desta investigação considera momentos díspares da produção da escritora na imprensa, tendo como eixo de análises o conto “A mosca no mel (ou a inveja de si)”, publicado por Lispector na revista paulista *Mais*, em 1975, e a crônica “Preguiça”, publicada na coluna de Clarice, no *Jornal do Brasil*, em 1972.

O referencial teórico fundamenta-se em textos relevantes da fortuna crítica de Lispector, julgando, sobretudo, as investigações de Aparecida Maria Nunes. Considerando a insubordinação comum à escrituração de Clarice Lispector, os textos analisados neste estudo, conto e crônica, violam um diálogo exclusivo da autora para com os postulados judaicos – cultuados por sua família, e por ela desconsiderados –, carregando sua produção com o sincretismo religioso, comum ao local de fala de Clarice: Brasil¹¹⁹.

2. A censura alimentar no judaísmo

Antes de analisar os dois textos – conto e crônica – publicados por Clarice Lispector na imprensa brasileira, marca-se a presença dos animais considerados puros e impuros, de acordo com o livro de Levítico, do Antigo Testamento, na tessitura clariciana. Antecipa-se, contudo, que as menções aos animais proibitivos bíblicos, bem como a ingestão da carne e/ou sangue

¹¹⁹ Sublinhe-se a entrevista que Clarice Lispector concedeu ao jornalista Edilberto Coutinho, em 1976, como exemplo transgressor da autora para com as temáticas judaicas, ao mesmo tempo que acentua o pertencimento da ficcionista ao Brasil: “Sou judia, você sabe. Mas não acredito nessa besteira de judeu ser o povo eleito de Deus. Não é coisa nenhuma. Os alemães é que devem ser, porque fizeram o que fizeram. Que grande eleição foi essa, para os judeus? Eu, enfim, sou brasileira, pronto e ponto” (LISPECTOR *apud* COUTINHO, 1980, p. 165-170).

desses animais, diferentemente das regras atinentes ao judaísmo, assinalam-se na obra de Lispector a questionar e a desconstruir normas e imposições estabelecidas nessa vertente religiosa.

Os adeptos da religião judaica não podem se alimentar de animais considerados inaptos à alimentação, a exemplo do porco, do camelo, do cavalo, dentre outros mamíferos. No domínio marítimo, o camarão, a lagosta, os crustáceos, o caranguejo e todos os mamíferos aquáticos são desaprovados ao consumo.

Além dos textos que serão analisados, dentro da produção de Clarice Lispector há personagens que quebram a censura religiosa. Embora não sejam o foco desta investigação, marcam-se, suscintamente, algumas produções da autora em que essa refração é sinalizada.

A personagem Miss Algrave, do conto homônimo (*A via crucis do corpo*), filha de pastor protestante, portanto, submetida a regras cristãs que destoam das impostas no judaísmo, se materializa no texto de Clarice comendo camarão: “Depois rezou. Depois saiu para tomar ar [...] Depois foi almoçar e permitiu-se comer camarão: estava tão bom que até parecia pecado” (LISPECTOR, 1998, p. 14). Os personagens que ditam a perspectiva do romance *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*, Lóri e Ulisses, comem galinha ao molho pardo, alimento que contém, entre os seus ingredientes, uma dosagem significativa do sangue do animal abatido: “era galinha ao molho pardo. Os dois comeram e beberam em silêncio, sem pressa. Estava bom” (LISPECTOR, 1969, p. 115). Por sua vez, ao relatar sua paixão, seu sofrimento existencial, G. H., a protagonista do romance *A paixão segundo G. H.*, põe em declínio a ordenança bíblica do livro de Levítico – “todo o inseto que voa, que anda sobre quatro patas, será para vós outros abominação” (11:20). Isto porque a personagem, ao narrar a sua experiência desestabilizadora, marca que não só tocou no animal impuro, como dele se alimentou: “Eu estivera o tempo todo sem querer pensar no que já realmente pensara: que a barata é comível como uma lagosta, a barata era um crustáceo (LISPECTOR, 2014, p. 120); “comer a massa da barata é o antipecado, pecado seria a minha pureza fácil” (LISPECTOR, 2014, p. 174).

Assim posto, passa-se às análises do conto “A mosca no mel (ou a inveja de si)” e da crônica “Preguiça”.

3. Revista paulista *Mais* e “A mosca no mel”

Ao referir-se às produções de Lispector veiculadas na revista *Mais*, Aparecida Maria Nunes indica que ao menos dois contos da autora foram veiculados nesse periódico: “[Na revista *Mais*,

Clarice] inclui histórias inéditas, como ‘A mosca no mel (ou a inveja de si)’, em 1975, e ‘Desespero e desenlace às três da tarde’, em 1977” (NUNES, 2013, p. 27).

Diferentemente dos textos que Clarice Lispector assinou sob os pseudônimos Tereza Quadros, Helen Palmer e Ilka Soares, nas páginas femininas “Entre mulheres” (1952), “Correio feminino” (1959) e “Só para mulheres” (1960), respectivamente, os textos veiculados em *Mais* corporificaram a assinatura efetiva da autora: Clarice Lispector.

As análises subsequentes consideram fragmentos do conto “A mosca no mel (ou a inveja de si)” para compreender de que forma a contista transgride os postulados judaicos, sobretudo no âmbito da alimentação. Compete, pois, a transcrição do parágrafo que abre a narrativa:

Nada lhe faltava. Claudia Morinelli Martins tinha tudo o que sonhara para a sua vida. Estava com 27 anos e Francisco em pleno vigor dos 30. Ela era uma bela judia italiana mas ele era descendente de espanhóis e portugueses. Ele era guapo. E Claudia era um belo cavalinho alto e vibrátil. Estavam casados há três anos – unidos por mútua paixão. Eles mal acreditavam no tão bom da vida de ambos. Filhos, teriam mais tarde. Quando ela tivesse 30 anos. Porque desejavam ardentemente viver a sós, em plenitude (LISPECTOR, 2006, p. 140).

Acentua-se a designação ao lugar de origem de Cláudia, isto é, atinente à Itália, unida à informação, se não totalmente religiosa, ao menos cultural, de que a personagem que definirá a perspectiva deste texto é judia. Registre-se, entretanto, que Claudia Morinelli Martins, dentro de toda a produção conhecida de Clarice Lispector, é a única personagem feminina que se individualiza com essa nomeação judaica, “bela judia italiana”.¹²⁰

Claudia é jovem, bela, amada, mas é materializada no conto em descompasso com a aparência perfeita de sua vida. O medo de ser castigada por tamanha felicidade a inquieta a ponto de a personagem deixar, de forma brusca, sua casa, seu esposo e se enclausurar na Ordem das Clarissas:

Então ela pensou: ou me mato ou me desquito, porque chegamos ao ápice da vida. Não se matou nem se desquitou. Mas fez uma coisa pior. Avisou [Francisco, seu esposo] serenamente, mas com os lábios rubros, ligeiramente trêmulos, que ia entrar no convento das clarissas de pés descalços. Nunca mais o veria e, quando ele a visitasse, só ouviria a sua voz. Francisco quase morreu de horror (LISPECTOR, 2006, p. 141).

O leitor menos familiarizado com a obra de Clarice Lispector poderia achar, ao menos, curiosa a entrada de temas católicos consoante a protagonista judia dessa narrativa se não fosse

¹²⁰ Benjamin Moser e Berta Waldman reconhecem como judia apenas a personagem masculina de Clarice Lispector materializada no conto “Onde estivestes de noite”. Ao que parece, o biógrafo e a ensaísta desconhecem a personagem feminina judia de Lispector, corporificada no conto “A mosca no mel (ou a inveja de si)”. Para maiores informações, remete-se o leitor à tese *Judaísmo e cristianismo em Elisa Lispector e em Clarice Lispector: testemunho e vestígio*, de Thiago Cavalcante Jeronimo (2020).

usual à tessitura da escritora a menção aos diversos credos e experiências religiosas, questionando-os – e em muitas vezes refutando-os – em seus respectivos postulados. O texto “A mosca no mel (ou a inveja de si)” é exemplo concreto da aguda criticidade da contista alusivo às religiões registradas: a judaica e a cristã.

No âmbito alimentar, foco desta investigação, registre-se que enquanto vive com Francisco, Claudia prepara para o café da manhã, “um faustoso desjejum de *ovos com bacon e morangos com cremes*” (LISPECTOR, 2006, p. 140, grifos nossos). Nesse veio, a violação de dois preceitos da religião judaica é sinalizada nos grifos acima: 1. O consumo de carne de porco; 2. A ingestão de carne com leite.

Para além da transgressão alimentar, a personagem, como registrado anteriormente, ampara-se em um convento católico para purgar a culpa que a extrema felicidade lhe incute. Nesse direcionamento, a sinalização judaica, ao mesmo tempo que é evidenciada no primeiro parágrafo da narrativa – a bela judia italiana – é rebaixada pelo posicionamento transgressor para com o judaísmo acionado pela personagem, conforme exemplificado: os alimentos ingeridos no café da manhã violam as regras alimentares do judaísmo e a filiação de Claudia à ordem das clarissas invalida a normatividade constitutiva do judaísmo e direciona à instituição católica, atrelada a Santa Clara, o regimento de sua existência.

4. *Jornal do Brasil* e “Preguiça”

No período de agosto de 1967 a dezembro de 1973, Clarice Lispector assinou uma coluna como cronista no *Jornal do Brasil*. Somente neste veículo midiático, na coluna “Caderno de Sábado”, a autora publicou mais de 300 crônicas. Os textos produzidos por Clarice nesse periódico foram compilados no volume *A descoberta do mundo*, lançado em 1984, sete anos após a morte da autora de *A hora da estrela*. Em 2018, a editora Rocco, detentora do catálogo de livros de Lispector, lança o compêndio *Todas as crônicas*, abarcando quase a totalidade cronística de Clarice. Neste volume, foram materializadas, além da produção da escritora no *Jornal do Brasil*, mais de 120 crônicas inéditas, contudo, infelizmente, o texto “Mineirinho”, um dos mais relevantes da escritora, não ganhou materialidade no compêndio.

A crônica selecionada neste estudo para evidenciar a transgressão judaica assinada por Clarice Lispector no tocante à alimentação é uma crônica memorialística e recebeu o nome “Preguiça”. O texto foi publicado pela autora em 21 de outubro de 1972. Alguns dos elementos que constituem esse texto jornalístico – refração ao que é tido como sagrado, crítica direta ao judaísmo e às normas da religião – são encontrados, também, nos contos que compõem o

volume *Onde estivestes de noite* (1974). Livro da autora em que, em seu conto homônimo, materializa, conforme supracitado, sua única personagem masculina nomeadamente judia, que justamente com as demais personagens (padre, mãe-de-santo, escritora...), consente e experimenta os prazeres orgíacos da noite de sábado. Fato que corrobora a religiosidade da personagem masculina judia em descompasso com seus atos: “Eu não como porco! Sigo a Torah! mas dai-me alívio, Jeová, que se parece demais comigo!” (LISPECTOR, 1999a, p. 51).

Pondo a atenção à crônica “Preguiça”, foco de análises, Clarice, ao lembrar de sua estadia numa granja em Friburgo, Rio de Janeiro, acentua na sua narrativa, sem embaraço ou objeção, a seguinte marcação transgressora para com os postulados da religião judaica:

Fui à rodoviária onde comprei o *Jornal do Brasil* e li Drummond. Comi *steak au poivre* feito em casa. Só que em vez de *steak* era pernil de porco. Isso no sábado que é o meu dia. [...]. De sexta para sábado sonhei tão verdadeiro que me levantei e me vesti e me pintei. Quando descobri que era sonho voltei para a cama, antes comendo porque estava com fome brava [...]. De manhã comi ovos com *bacon*. Friburgo me fascina (LISPECTOR, 1999b, p. 430).

Sublinhe-se no excerto acima alocado duas transgressões da autora para com os preceitos judaicos. A primeira se corporifica no entendimento de que, na cultura e religião judaicas, o porco, como mencionado nas análises subsequentes, é considerado um animal impuro, incidente que inabilita para a alimentação a carne suína. Conforme ordenança bíblica registrada no livro de Levítico, livro integrante do Pentateuco: "O porco, que tem a unha fendida e o pé dividido, mas não ruma; e o tereis por impuro. Não comereis da sua carne e não tocareis nos seus cadáveres: vós os tereis por impuros" (LEVÍTICO, 11:7-8). A segunda violação se materializa porque o sábado, em contexto judaico, é o dia santo, de descanso, respeitado como dia consagrado ao Deus que legitima a orientação do judaísmo. De igual forma, o mandamento bíblico referenciado no livro do Êxodo, também configurado no Pentateuco, normatiza ao judaísmo a santificação do sétimo dia da semana:

Lembra-te do dia de sábado, para santificá-lo. Trabalharás seis dias e neles farás todos os teus trabalhos, mas o sétimo dia é o sábado dedicado ao Senhor, o teu Deus. Nesse dia não farás trabalho algum, nem tu, nem teus filhos ou filhas, nem teus servos ou servas, nem teus animais, nem os estrangeiros que morarem em tuas cidades. Pois em seis dias o Senhor fez os céus e a terra, o mar e tudo o que neles existe, mas no sétimo dia descansou. Portanto, o Senhor abençoou o sétimo dia e o santificou (EXÔDO, 20:8-11).

Contudo, materializado na crônica memorialística de Lispector, o dia semanal não é direcionado ao Deus que normatiza o *sabbath*¹²¹, mas alocado nas experimentações reais da cronista, “o sábado que é o meu dia” (LISPECTOR, 1999b, p. 430). Nesse sentido, a crônica “Preguiça”, além de transgredir os preceitos alimentares da religião judaica, rasura, também, a ordenança do Deus judaico no tocante à guarda do sétimo dia da semana.

5. Considerações finais

Uma frase emblemática de Clarice Lispector para o entendimento final deste artigo marca-se com a seguinte formulação: “Os que inventaram o Velho Testamento sabiam que existia uma fruta proibida” (LISPECTOR *apud* BORELLI, 1981, p. 85, grifo nosso). Nesse veio, a voz crítica e irônica da escritora considera como “invenção” o texto que é reconhecido como fonte de inspiração divina para o crédulo judeu.

Essa refração ao que é imposto religiosamente percorre toda a produção de Clarice Lispector, nesse estudo sinalizada por meio dos textos “Miss Algrave”; *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*, *A paixão segundo G. H.*, “Onde estivestes de noite”, e ampliada em análises no conto “A mosca no mel ou a inveja de si”, e na crônica “Preguiça”. Produções em que, ao invés de exemplificaram comunhão para com os preceitos judaicos, os questionam e os transgridem. Nesse enquadramento, marca-se a consideração de Bernadete Grob-Lima, para a qual: “Clarice Lispector é uma escritora contracorrentes. Sua escritura nada tem de dogmática; ela é, antes de tudo, questionadora” (GROB-LIMA, 2009, p. 51).

Tendo em vista a insubordinação comum à escrituração de Clarice Lispector, os textos analisados neste estudo – conto e crônica – caracterizam-se, dentre outros aspectos, como processos questionadores e transgressores no tocante à religião judaica. O cotejo entre as duas produções evidencia, seja na esfera ficcional como na jornalística, uma rasura da autora para com as regras atinentes à esfera religiosa.

Embora a família Lispector descenda da crença e cultura judaica, percebe-se que Clarice “desleu”¹²² essa tradição familiar. Sua diversificada produção, marcada por transgressões aos gêneros textuais, evidencia, também, uma rasura da autora no aspecto religioso aqui focalizado.

¹²¹ Uma das regras estipuladas no judaísmo é a guarda do *Sabbath*, período que se estende do pôr do sol da sexta-feira até o pôr do sol do sábado. A observância do *Sabaht*, no judaísmo, implica abster-se de atividades laborais, santificando o sábado como dia de descanso, como sinalizado em Gênesis 2: 2:3.

¹²² O crítico Harold Bloom considera que toda grande obra conflui a uma “desleitura” da tradição. Segundo Evando Nascimento, “o que define uma autora forte como Clarice, capaz de “desler” a tradição, pondo-a pelo avesso, é tanto a imanência dos conteúdos e formas que agenciou quanto o horizonte aberto de sua recepção” (NASCIMENTO, 2012, p. 213).

Referências

- BÍBLIA DE JERUSALÉM. Nova edição, revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2002.
- BORELLI, O. *Clarice Lispector: esboço para um possível retrato*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.
- COUTINHO, E. Uma mulher chamada Clarice Lispector. *O Globo*. Rio de Janeiro, 29 abr. 1976; republicado em *Criaturas de Papel*. Rio de Janeiro/Brasília, Civilização Brasileira/INL, 1980, p. 165-170.
- GROB-LIMA, B. *O percurso das personagens de Clarice Lispector*. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.
- JERONIMO, T. C. *Judaísmo e cristianismo em Elisa Lispector e em Clarice Lispector: testemunho e vestígio*. Tese de doutorado. 2020. 249 p. Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2020.
- LISPECTOR, C. *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*. Rio de Janeiro: Editora Sabiá, 1969.
- _____. *A via crucis do corpo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- _____. *A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999b.
- _____. *Correio feminino*. Organização de Aparecida Maria Nunes. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.
- _____. *Onde estivestes de noite*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999a.
- _____. *A paixão segundo G. H.* Rio de Janeiro: Rocco, 2014.
- NASCIMENTO, E. *Clarice Lispector: uma literatura pensante*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2012.
- NUNES, A. M. *In: Clarice na cabeceira: jornalismo*. Organização e apresentação de Aparecida Maria Nunes. Rio de Janeiro: Rocco, 2012.
- NUNES, A. M. A ficção de Clarice Lispector na revista paulista *Mais*. *In: Anais do I Congresso Nacional de Literatura e Gênero*. São José do Rio Preto: Universidade Estadual Paulista, 2013. v. 1. p. 18-21.